

MEMORIAL DE CONVERGÊNCIA NA RUA DOS ANDRADAS (BOATE KISS)

DANI MARIN RANGEL¹; JULIANE C. PRIMON SERRES²;

¹Universidade Federal de Pelotas – damparodani@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o memorial criado em resposta imediata à circunstância do incêndio na boate Kiss, na rua dos Andradas, na cidade de Santa Maria, em 27 de janeiro de 2013. Tal ocorrência tomou a vida de 242 pessoas e envolveu outras 700 pessoas, registradas como sobreviventes, além dos danos materiais e simbólicos implicados à cidade. A investigação, de caráter retrospectivo, envolve a coleta de materiais documentais-midiáticos que fornecem registros variados do fenômeno memorial em curso naquela localidade ao longo do primeiro ano após a ocorrência precipitante.

Em primeiro lugar, a análise está balizada pela teorização desse objeto como fruto de processos de convergência, que são entendidos como como um fenômeno virtualmente universal no âmbito de desastres, que propõe um comportamento de movimento em massa, não convocado, em direção à área afetada (FRITZ e MATHEWSON, 1957). Ainda, como uma das partes integrantes deste comportamento, se categorizou tipos convergentes, como os *mourners or memorializers*, que convergem para lamentar e homenagear os mortos e demonstrar condolências (KENDRA e WACHTENDORF, 2003), assim como os contestadores, propostos por Dani Rangel (2022), que se dirigem ao local para demonstrar sua insatisfação e contestação as circunstâncias que levaram a ocorrência das mortes. Por esse motivo o tratamento do fenômeno como um Memorial de Convergência, que existe e se sustenta em razão desse tipo de comportamento coletivo, não convocado, em ocorrência na fase de resposta imediata à circunstância (KELLERMANN, 2007). Em segundo lugar, a análise se utiliza da proposição de Jack Santino destes objetos como *folk assemblage*, que se constitui em um único objeto a partir da junção de materiais de diferentes matrizes e por distintos sujeitos com variedade de objetivos (SANTINO, 1992a) (SANTINO, 1992b). Tal como a perspectiva de que tais memoriais são testemunhas do processo de resposta comunitária a situações de fratura social e falam sobre estes aspectos (SANTINO, 2001), justificando seu estudo. Finalmente, a proposição de Erika Doss sobre a vida emocional dos memoriais (2008), que fornece substrato para análise de quatro perspectivas, a saber: da criação da *assemblage*, da visão a seu respeito, das experiências em seu perímetro e do término deste fenômeno memorial, ao menos neste formato.

Neste caso, a partir das fontes documentais de periódicos locais, jornal A Razão (A. R.) e Diário de Santa Maria (D.S.M.), foi possível identificar, em menor ou maior dimensão, elementos dos quatro aspectos da vida do Memorial da rua dos Andradas. Essa proposição compartilha resultados preliminares da investigação em curso, demonstrando o momento da criação do memorial, assim como seus formatos e a tipologia de objetos ofertados; o modo como o público leitor em correspondência endereçada aos jornais, pessoas entrevistadas e jornalistas argumentaram sobre a sua existência, além do que se podia observar sobre esse aspecto na própria superfície do Memorial; gestualidades que fomentaram a

manutenção, a ampliação e a sua transformação, assim como ações coletivas que se desenvolveram em sua zona; por último, de que maneira se finalizou essa *assemblage*.

2. METODOLOGIA

Os procedimentos adotados para o desenvolvimento da pesquisa estão orientados pela proposta de Jacqueline Barrera, do empreendimento de uma investigação analítica (2010). De acordo com a autora, tal tipo de investigação busca compreender aspectos menos evidentes do fenômeno, por meio de uma atividade de decomposição de um ponto de vista amplo do evento, estudando elementos particulares para, ao final, produzir uma síntese que reúne ou reconstrói os aspectos analisados em uma nova compreensão a respeito do que seria uma totalidade coerente do caso (BARRERA, 2010). Nestes termos, Rangel (2022), investigando a resposta comunitária ao caso da Kiss, fornece o ponto de vista amplo, a ser decomposto. Agora, entrelaçando as perspectivas definidoras do fenômeno, como as supracitadas de Erika Doss (2008), com o método de categorização de Laurence Bardin (2004).

As fontes são documentais, oriundas de periódicos diários da cidade de Santa Maria, A.R. e D.S.M., com recorte temporal do ano de 2013, período que Rangel (2022) indicou como de existência deste fenômeno memorial da *assemblage* na rua dos Andradas. Portanto, as 40 edições que citam diretamente o Memorial, sendo 16 no A.R. e 24 no D.S.M., fornecem dados que são então alocados nas categorias, a) da criação da *assemblage*, b) da visão a seu respeito, c) das experiências em seu perímetro e d) do término deste fenômeno memorial. Que propiciam, então, o tratamento preliminar dos dados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A criação da *assemblage* deu-se de forma imediata, tendo registros de oferta de objetos no local desde a noite do dia 27 de janeiro de 2013, quando flores passaram a ser levadas para lugares próximos ao edifício, em uma perspectiva de sítio isolado pela Brigada Militar. Portanto o Memorial de Convergência inicia-se na fachada do edifício vizinho. Entre superfícies como parede e piso, expandiu-se com o acréscimo de cartazes, banners com fotos, faixas, bandeiras, objetos religiosos, entre outros. Posteriormente, foram os tapumes de isolamento do prédio que forneceram uma superfície para o Memorial, que seguia em processos de alargamento e redução. Tal ocorrência encontra eco nas proposições de Santino de que um evento de morte pública gera uma resposta pública imediata e significativa (SANTINO, 2001), em que as pessoas sentem que precisam fazer algo (LOWE e FOTHERGILL, 2003), e usam da cultura material para isso (DOSS, 2008).

A visão a seu respeito, manifestava-se nos modos como os sujeitos referiram-se ao Memorial. Assim, cartas enviadas aos jornais e textos das reportagens ou mesmo mensagens plasmadas em sua superfície, sugeriam diferentes visões sobre a sua existência. Essas escritas indicaram que aquele local era um santuário, um agora lugar sagrado; um local de comunicação com os mortos; um espaço de homenagem; um lugar que representava a vergonha da cidade; um mausoléu; em perspectiva de profissional da psicologia, um importante objeto de processamento de luto, entre outros. São diferentes maneiras de ver, de referir-se e de significar aquele Memorial, demonstrando que não pode haver um significado unânime a seu respeito, conforme indicou G r me Truc (2018).

As experiências em seu perímetro aqui abordadas referem-se a ações coletivas integrantes da convergência, que mantinham aquela *assemblage* “em funcionamento”. Visto que foram as idas individuais, e sobretudo, os encontros de grandes grupos os responsáveis por alimentar o Memorial. Então, grandes assembleias memoriais que percorriam as ruas da cidade, os encontros no sétimo dia, aos trinta dias e assim sucessivamente, fomentavam esse constante ato de afixar objetos nas superfícies disponíveis ou sobrepor uns aos outros. Em alguns momentos justapondo ideias, escrevendo mensagens em um objeto já presente no Memorial; entre outros atos das experiências naquele local, assim como seus significados que não caberiam nessa escrita. Nessa circunstância, ações como este Memorial ou outros tipos de objetos de *assemblage*, para Santino, fornecem um ambiente, uma atmosfera, propicia aos atos que ocorrem em sua área. Local em que, por exemplo, ritos religiosos como orações, vigílias ou acender velas encontram seu santuário ou que os processos de luto encontram certa ancoragem naquele sítio, mais do que em um cemitério (SANTINO, 2001) (SANTINO, 2010).

O término deste fenômeno memorial é sobremaneira indicado pelo fim da convergência, quando o fenômeno em massa, não convocado, de dirigir-se àquele sítio se encerra. Considerando que tal desaparecimento não é necessariamente abrupto. Outro elemento desse processo, talvez de transição, dá-se por meio de novas proposições que passam a ocorrer em decorrência de ação de protagonistas, de grupos articulados e identificados, que convocam e projetam uma nova fase de resposta, não mais a imediata, e sim a de enfrentamento (KELLERMANN, 2007). Essa transição foi detectada por meio da ação de grupo de mães e pais que passaram, desde outubro de 2013, a desempenhar certa organização naquela superfície, cuidando do asseio dos objetos e descartando flores secas, entre outros. Ações que iniciaram um novo arranjo memorial que permanece em ocorrência e foi objeto de outra investigação (RANGEL, 2022).

4. CONCLUSÕES

A pesquisa em andamento aqui apresentada objetivou tratar de alguns dos elementos que integram a síntese que reconstrói aspectos analisados neste caso de fenômeno memorial específico, circunscrito em local, tipo e tempo. Pretendendo alcançar uma nova compreensão a respeito do que seria uma totalidade do caso das respostas comunitárias a ocorrência da Kiss. Portanto, o Memorial de Convergência foi um dos modos de resposta daquela comunidade e através dele, retrospectivamente, foi possível re-conhecer algumas das realidades de tal ato. Visto que em diferentes casos de circunstâncias dramáticas de mortes públicas, individuais ou coletivas, os objetos de resposta comunitária foram documentados e salvaguardados, como aqueles referentes a morte de Lady Diana em 1997, do atentado a bomba em Oklahoma City em 1995, atentados em Nova York e Arlington em 2001, em Madrid em 2004, em Londres em 2005, em Paris em 2015 e em Manchester em 2017, entre outros. O que não aconteceu em Santa Maria em 2013, ocasionando no desaparecimento desses registros materiais da resposta. Em vista disso, essa investigação ambiciosa, também, o reencontro e a reunião dos registros e dos testemunhos vinculadas a tal objeto. Se você quiser colaborar, entre em contato.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3ª. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARRERA, J. H. **Metodología de la Investigación. Guía para la comprensión holística de la ciencia**. 4ª. ed. Caracas: Quirón Ediciones, 2010.

DOSS, E. **The emotional Life of Contemporary Public Memorials. Towards a Theory of Temporary Memorials**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2008.

FRITZ, C.; MATHEWSON, J. H. **Convergence Behavior in Disasters: A Problem in Social Control**. Washington D.C: National Research Council, National Academy of Sciences, 1957.

KELLERMANN, P. F. **Sociodrama and Collective Trauma**. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

KENDRA, J. M.; WACHTENDORF, T. Reconsidering convergence and converged legitimacy in response to the world trade center disaster. In: CLARKE, L. **Terrorism, and disaster. New Threats, new ideas. Research in Social Problems and Public Policy**. [S.I.]: Elsevier, v. 11, 2003. p. 97-122.

LOWE, S.; FOTHERGILL, A. A Need to Help: Emergence Volunteer Behavior after September 11th. In: MONDAY, L. **Beyond September 11th. An account of post-disaster research**. [S.I.]: Institute of Behavioral Science; Natural Hazards Research and Applications Information Center, v. 39, 2003. p. 293-314.

RANGEL, D. M. **Resposta comunitária ao desastre: o caso da boate Kiss (Santa Maria - RS)**. 2022. Dissertação de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural. Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas.

SANTINO, J. Yellow Ribbons and Seasonal Flags: The Folk Assemblage of War. **The Journal of American Folklore**, 105, n. 415, 19-33, winter - 1992a.

SANTINO, J. The Folk Assemblage of Autumn: Tradition and Creativity in Halloween Folk Art. In: VLACH, J. M.; BRONNER, S. J. **Folk Art and Art Worlds**. 2ª. ed. Logan: Utah State University Press, 1992b, p. 151-169.

SANTINO, J. **Signs of War and Peace Social Conflict and the Uses of Symbols in Public**. New York, and Houndmills, Basingstoke, Hampshire, England: Palgrave Macmillan, 2001.

SANTINO, J. Spontaneous Shrines, Memorialization, and the Public Ritualesque. **Ritsumei. The Institute of Humanities, Human and Social Sciences of Ritsumeikan University**, n. 94, 51-65, 2010.

TRUC, G. **Shell Shocked. The social response to terrorist attacks**. Cambridge and Medford: Polity Press, 2018.